

# ARTE E TECNOLOGIA COMO ESPAÇO DE (R)EXISTÊNCIA PARA UM CORPO QUEER

---

## ART AND TECHNOLOGY AS A SPACE OF (R)EXISTENCE FOR A QUEER BODY

---

**Ricardo Oliveira de Lima**  
**Andréia Machado Oliveira**

---

ARTE E TECNOLOGIA  
CORPO QUEER  
CARTOGRAFIA  
REPRODUÇÃO BIOLÓGICA  
ANCESTRALIDADE GENÉTICA

O presente artigo objetiva promover uma reflexão poética visual, sobre uma cartografia de um corpo queer, cruzando aspectos individuais e sociais, biológicos e culturais, e locais e globais. Para o desenvolvimento poético, utiliza-se como base um exame de ancestralidade realizado a partir do ADN, adquirido pelo artista-pesquisador. Como metodologia, a narrativa autobiográfica do artista-pesquisador e a cartografia são utilizadas na pesquisa. As poéticas apresentadas configuram-se dentro do campo da arte e tecnologia, sendo foto-performances e montagens digitais organizadas em um corpo-livro. Tais trabalhos fazem reflexões sobre papéis de gênero, sexo, padrões de beleza, violência e preconceito. Assim, este corpo-livro apresentado não deve ser encarado como um corpo determinante e imutável, mas um corpo em construção que reflete um momento no tempo e espaço.

---

ART AND TECHNOLOGY  
QUEER BODY  
CARTOGRAPHY  
BIOLOGICAL REPRODUCTION  
GENETIC ANCESTRY

This article aims to promote a visual poetic reflection on a cartography of a queer body, intersecting individual and social, biological and cultural, and local and global aspects. The poetic works are based on an ancestry test performed using DNA acquired by the artist-researcher. The methodology used in the research is the artist-researcher's autobiographical narrative and cartography. The poetics presented are configured within the field of art and technology, consisting of photo-performances and digital montages organized into a book-body. These works reflect on gender roles, sex, beauty standards, violence, and prejudice. Thus, this book-body should not be seen as a determinant and immutable body, but rather as a body under construction that reflects a moment in time and space.

---

ISSN 1518-5494

ISSN-E 2447-2484



**Imagem 1.** QR Code de acesso ao Corpo-Livro (na íntegra)

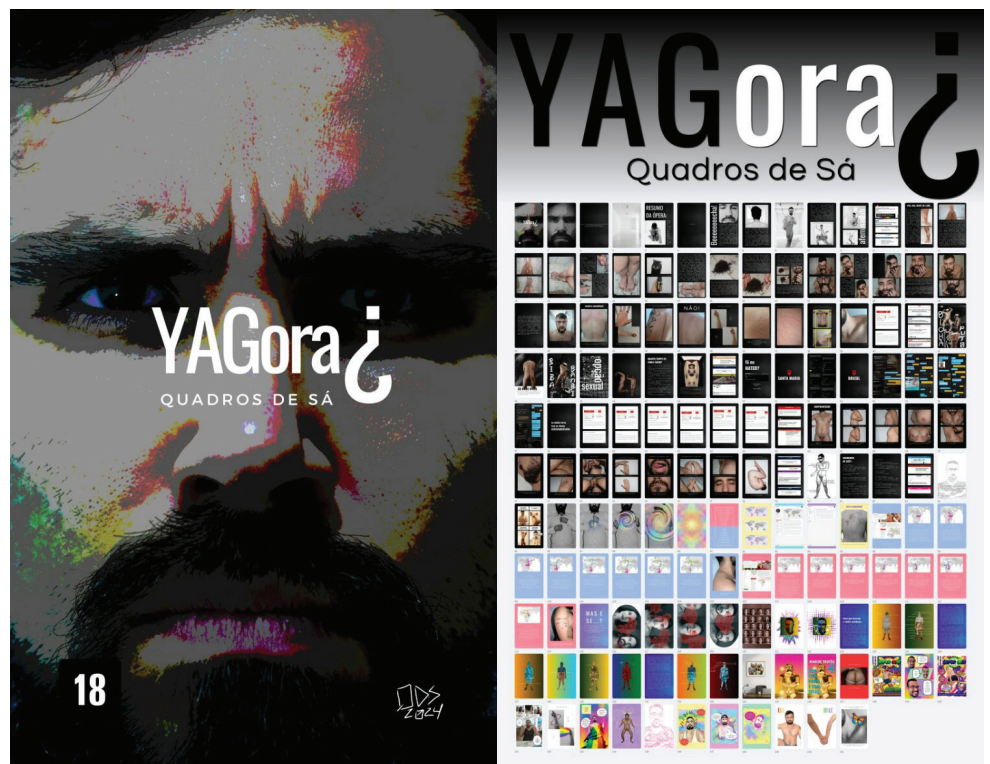
## INTRODUÇÃO

Este artigo, ao cruzar aspectos individuais e sociais, biológicos e culturais, locais e globais, faz uma reflexão sobre possíveis cartografias de um corpo queer, tendo como referência um exame de ancestralidade realizado a partir do ADN, adquirido pelo artista-pesquisador, a fim de coletar dados de sua linhagem genética.

A investigação utiliza produções poéticas visuais como meio de explorar essa temática, para entender como o corpo queer se insere em uma linhagem genealógica. Ademais, a utilização de um exame de ancestralidade a partir do meu ADN (ácido desoxirribonucleico), enquanto artista-pesquisador, como base para os trabalhos poéticos visa adicionar uma dimensão de ancestralidade genética à pesquisa, enriquecendo ainda mais a compreensão da relação entre minha visão como sujeito queer e a linhagem genealógica que levou à minha existência enquanto indivíduo.

Pode-se dizer que a pesquisa está viva, e o pesquisador faz parte dela, marcando sua presença à medida que avança e explora seu território de estudo, adquirindo vivências que vão norteando sua bússola, de forma flexível e mutável, diferentemente de outras áreas do conhecimento na qual o pesquisador precisa se abster completamente de qualquer tipo interferência, mantendo-se sempre o mais neutro o possível para não interferir no resultado. Assim sendo, dei origem a um “Corpo-Livro”, um artefato que se configura no espaço digital e atua como uma extensão do meu próprio corpo através da arte, comportando-se como alternativa à descendência biológica.

Utilizo minha própria narrativa autobiográfica, observando minha identificação enquanto membro da comunidade LGBTQIAP+, para construir visualidades de forma digital que exprimem estes questionamentos, com o intuito de estimular uma reflexão social no combate ao estigma e ao preconceito que ainda perseguem este grupo. Tais



**Imagem 2.** O Corpo-Livro “YAGora?”, 2024

visualidades foram reunidas em um “corpo-livro” intitulado YAGora? (um jogo de palavras que se apropria do termo “yag” [gay ao contrário], muito utilizado na internet por homossexuais para referirem-se uns aos outros, geralmente no feminino).

Considerando tais questões, e como vários fatores (ecológicos, ambientais, culturais, sociais, etc) atravessam o corpo queer, crio um “Corpo-Livro” como uma extensão poética do meu corpo, com imagens, pensamentos e reflexões acerca do que me atinge diariamente. As produções poéticas, de forma individual, eu batizo de “Corpos-Capítulos”, e tal como em um livro, alguns corpos-capítulos ocupam várias páginas, outros, apenas uma ou duas. Juntos, a soma de todos os corpos-capítulos resulta no Corpo-Livro, que não deve ser encarado como um corpo determinante, finalizado, e imutável, mas um corpo em construção que reflete um momento no tempo e espaço que transpassam o meu próprio corpo.

### **GÊNERO, SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA: ATRAVESSAMENTOS QUE PERPASSAM UM CORPO QUEER**

Quando se fala em violência, refere-se ao uso intencional de poder ou força física, seja na forma de ameaça ou de execução concreta de uma agressão, e pode se dar contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade. Isto resulta ou tende a resultar com uma alta probabilidade em lesão, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). A natureza da violência pode ser categorizada como física, sexual, psicológica e de privação ou negligência. Ainda de acordo com Spizzirri et. al. (2022), a violência contra pessoas LGBTQIAPN+ em razão de sua sexualidade (incluindo entre menores de 18 anos) é tratada não apenas em diversos artigos científicos como também frequentemente encontrada em veículos de notícias.

Segundo Spizzirri et. al. (2022), 5,76% dos brasileiros adultos em 2022 se consideram assexuais, 0,93% lésbicas, 1,37% gays, 2,12% bissexuais, 0,68 transgêneros, e 1,18% não-binários, totalizando 12,04%. Fica evidente que a população LGBTQIAPN+ pertence a um grupo minoritário, suscetível a circunstâncias de vida mais adversas e índices de violência superiores em comparação com aqueles que se encaixam no padrão heteronormativo. Ainda que o grupo fique em torno de apenas 10% da população brasileira, isto ainda representa um número na casa dos milhões de pessoas que precisam lutar diariamente para serem reconhecidas em sua identidade de gênero e orientação sexual.

No livro “Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade” (2018), a filósofa feminista Judith Butler promove um desmonte ou desconstrução na ideia de que o sexo (no que se refere à genitália, propriamente dito) seria algo biológico, enquanto o gênero em si, seria algo social e culturalmente construído, artificial. A autora destaca que tanto o sexo quanto o gênero possuem uma relação predefinida com a cultura, isto é, ambos os termos acabam sendo estabelecidos por fatores culturais, influenciando um no outro. Em outras palavras, o gênero funcionaria como uma plataforma discursiva e cultural que influencia a formação e a concepção do próprio sexo, considerado como algo pré-discursivo e anterior à cultura. O gênero não apenas dá significado ao sexo, mas participa ativamente na sua criação, ao estabelecer o que pode ser entendido como “natural” ou “biológico”. Essa perspectiva visualiza o sexo como uma superfície inicialmente política e neutra na qual a cultura exerce sua influência e atua para estabelecer significados e normas associadas ao gênero e à sexualidade.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (Butler, 2018, p. 22).

A autora questiona sobre os discursos científicos a serviço de interesses políticos e sociais moldarem a percepção do que é o sexo biológico e de sua atuação na sociedade, ou seja, qual o “papel” cada indivíduo teria que desempenhar socialmente de acordo com seu sexo biológico. Assim sendo, podemos inferir que o próprio sexo também sofre com pressões sociais para adequarem-se a certos padrões do que é considerado “normal”, como é o caso de indivíduos intersexo, que ao nascer são designados para o sexo masculino ou feminino e muitas vezes têm sua genitália mutilada para encaixarem-se em um determinado fenótipo.

Também podemos tomar como exemplo a pílula anticoncepcional, que “normalmente” é desenvolvida apenas para indivíduos que possuem útero, e não para aqueles que possuem testículos, um fator cultural que leva em conta apenas o aparelho reprodutor (sexo biológico) do indivíduo, mas que por ter origem social, acaba criando e influenciando uma certa noção de gênero: “quem tem útero são ‘as mulheres’, anticoncepcional é para ‘mulheres’”.

As reflexões de Butler, inicialmente elaboradas para discutir a pauta feminista, também trouxeram visibilidade à causa LGBTQIAPN+ no que veio a se tornar a chamada “Teoria Queer”. Para a autora, gênero é uma concepção ideológica criada pela sociedade para exercer um controle de corpos, e tanto sexo quanto gênero são conceitos aprisionados por papéis e incumbências sociais (culturais) que delimitam as ações e o comportamento dos indivíduos, como por exemplo, a ideia de que certas vestimentas devem ser utilizadas exclusivamente por determinado gênero, ou que determinados movimentos corporais (como rebolar) só podem ser performados por pessoas que possuem determinadas características físicas.

Mas o que significa *queer*, afinal? O termo, que em inglês significa, literalmente, estranho, “descreve aqueles gestos e modelos analíticos que dramatizam incoerências em relações alegadamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual” (Jagose, 1996, p. 3). Em outras palavras, a autora articula em vias gerais, que a palavra *queer* serve para exprimir contrariedade aos padrões hegemônicos, da classe e da ideologia dominante, no que diz respeito a sexo, desejo e gênero.

Já Butler, em “Corpos que Importam: os limites discursivos do ‘sexo’” (2019) afirma que o termo *queer* apresenta um propósito político e que nunca foi plenamente possuído no sentido que *queer* não se pode ser utilizado para representar uma identidade, mas sim, um movimento dissidente de desidentificação (de não-conformidade, de não contrariedade identitária) à medida que atua como um termo político contestador dos padrões e ideologias dominantes.

Se o termo *queer* deve ser um local de contestação coletiva, o ponto de partida para um conjunto de reflexões históricas e perspectivas futuras, ele terá que continuar

a ser o que é no presente: um termo que nunca foi plenamente possuído, mas que é sempre e apenas apropriado, torcido, estranhado [*queered*]” por um uso anterior que se orienta para propósitos políticos urgentes e expansivos. (Butler, 2019, p. 374).

Segundo Annamarie Jagose (1996), “*queer* se concentra em incompatibilidades entre sexo, gênero e desejo”. A autora afirma que o *queer* ou “o estranho” se faz na destabilização dos padrões heteronormativos, incluindo tópicos como *cross-dressing*, interssexualidade, ambiguidade de gênero, cirurgias de redesignação sexual ou a performance travesti, explorando as incoerências entre sexo, desejo e gênero, que estabilizam, ou seja, formam a base da heterossexualidade, embora o termo *queer* tenha sido associado principalmente a lésbicas e gays. Ela ainda afirma que a teoria *queer* demonstra que nenhuma sexualidade é natural, colocando em xeque até mesmo termos como homem e mulher, que até então não eram vistos como “problemáticos” (Jagose, 1996, p. 3).

Como uma pessoa *queer* nascida do sexo biológico masculino, porém dita afeminada, cresci ouvindo para ter mais atitudes “de homem”, como por exemplo, engrossar a voz para falar, evitar a postura dos punhos para não fazer a “mão quebrada”, não rebolar ou fazer movimentos excessivos com o corpo, usar roupas largas e que tapem, sobretudo, as pernas, e isso me levou a internalizar uma autocobrança para eliminar as tais características ditas “femininas”. Ao longo dos anos, isso acabou gerando um desconforto com relação ao meu próprio corpo, em especial, com relação aos mamilos. Por ser uma pessoa em situação de sobrepeso, meus mamilos são relativamente grandes, o que faz com que meu cérebro os relacione diretamente com seios, uma característica “não-masculina” e que, em toda minha vida, fui ensinado a “odiar”.

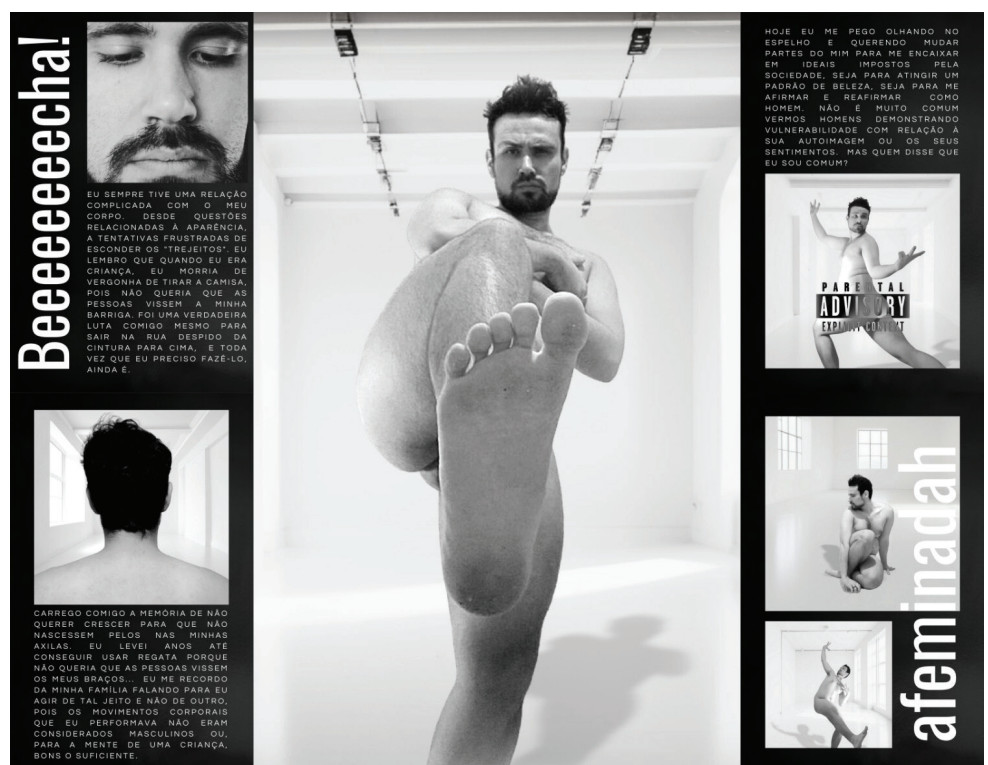


Imagem 3. Fotoperformance “Beeeeeecha!”, 2024

No corpo-capítulo intitulado “Beeeeeeecha!” (Imagem 3), eu coloco não apenas o meu corpo em evidência como também trago para discussão a pressão estética para atingir um corpo ideal, ou melhor, um corpo idealizado, além da pressão para jamais performar qualquer trejeito que remeta aos padrões considerados femininos.

Em outras palavras, eu que sempre fui uma “criança-viada”, não podia “falar fino” rebolar ou performar qualquer tipo de gesto ou movimento corporal que socialmente desviasse da esperada conduta viril, pois a regra é que para indivíduos do sexo biológico masculino, eles assumam o papel de homens e performem a ideia que se constrói socialmente do que é ser um homem.

Mesmo corpos com cromossomos XX ou cromossomos XY podem apresentar características intermediárias, muito porque estas características estão mais atreladas ao que foi concebido socialmente como papel de gênero do que propriamente à anatomia humana, evidenciando (em relação ao corpo) uma certa distinção entre o gênero e o sexo, o social e o biológico. O quanto os mamilos masculinos precisam ser retraídos para serem considerados masculinos, é uma convenção social. O quanto uma voz masculina precisa ser grave para ser considerada masculina é uma convenção social. O quanto um corpo masculino precisa ser treinado nas porções superiores, em relação às inferiores, para ser considerado masculino, é uma convenção social. Todas essas características se relacionam ao conceito de gênero, e não de sexo, e quando pensamos que o gênero pode se expandir para além de características binárias (masculino ou feminino), nascem as diversas possibilidades de gêneros não-binários.

Se um indivíduo com esta característica fisiológica (o fato de ter nascido com um pênis) não cumprir com esta convenção de afirmar e reafirmar sua virilidade a todo momento, ele é repreendido com violência, seja ela psicológica e verbal (por meio de broncas e sermões) ou mesmo física. Em face disto, tem-se então uma restrição corporal, o gênero enquanto construto social atuando como tecnologia de controle e apreensão de corpos.

## **MAPEANDO O CORPO QUEER: AUTORREPRODUÇÃO QUEER EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**

A série “Foto de Família” se trata de uma imagem gerada pela ferramenta de inteligência artificial *Adobe Firefly* de um retrato de família com cinco membros, de diferentes faixas etárias, na qual editei para substituir os rostos da família pelo meu rosto a partir de diferentes *selfies*. Para fazer esta substituição, utilizei a ferramenta *online* de *face swap* da *Remaker AI*. Por tratar-se da versão gratuita da IA, precisei realizar o procedimento de forma separada, trocando um rosto por vez, para que cada rosto da família fosse substituído por uma *selfie* diferente. Depois uni cada um dos rostos em uma imagem única por meio de edição.

O retoque final se deu quando eu legendei a “foto” com os nomes de meus possíveis “filhos”. Já que não posso me reproduzir, então que estes filhos sejam as minhas criações, minha pesquisa, minha arte, minhas formas de contribuir para com a sociedade. A legenda se dá em retângulos amarelos vibrantes, uma referência a histórias em quadrinhos (HQ’s) ocidentais, nas quais se usa este recurso para fazer uma narração “fantasma” ou o pensamento de um personagem que não está presente na cena, que no caso, sou eu, o progenitor de uma família inteira gerada pela união entre escárnio e inteligência artificial.



Imagem 4. "Foto de Família", 2024

Por mais que este trabalho tenha sido gerado por uma mera ferramenta de programação, partiu de minhas ideias e exercitou algo em mim que talvez eu nunca vá pôr em prática que não através de um trabalho artístico: o ato de escolher nomes para filhos. Da mesma forma, se algum dia eu quiser ter um filho biológico, precisarei de um recurso artificial, de uma "máquina" ou "tecnologia" para que isto aconteça, pois como mencionado anteriormente, o requisito mínimo para a reprodução é sentir atração sexual pelo gênero oposto, e com este requisito, eu não cumpro.

Em outro trabalho, utilizando a versão gratuita do aplicativo para *smartphone* "FaceApp" para editar uma única *selfie*, com meu próprio celular, transformei minha imagem de modo a criar indivíduos, de diferentes gêneros, em diferentes faixas etárias. Com isso, brinquei com a possibilidade de trocar de gênero, e não apenas "passei" minha fotografia para o feminino, como utilizei a imagem gerada para regressar ao masculino, fazendo com que o programa realizasse diferentes interpretações de mim mesmo, ao imaginar as aparências que teriam meus descendentes caso a reprodução sexual fosse possível.

Uma percepção que tive ao criar estas imagens, foi que o aplicativo, ao trocar minha *selfie* para o sexo biológico feminino, sempre adicionou maquiagem, tanto na boca quanto nos olhos, enquanto as imagens do sexo biológico masculino, não possuem maquiagem (ainda que aquelas que tenham sido produzidas a partir de uma imagem já convertida para o sexo feminino tenham deixado vestígios de batom, produzindo rostos com lábios mais avermelhados do que na *selfie* original). Além disso, quando seleciono a opção de idoso para fotos "masculinas", o aplicativo gera cabelos e barba grisalhos, enquanto nas fotos "femininas", o cabelo permanece na mesma cor, indicando que eles teriam sido tingidos.

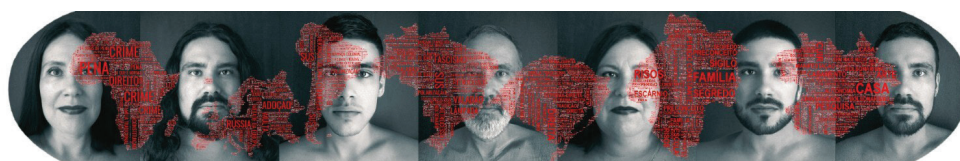
Estas diferenciações me levam a observar que a inteligência artificial por trás do aplicativo leva em conta vieses de performance de gênero, convenções sociais, e não o sexo biológico propriamente dito, trazendo elementos que não são naturais do corpo (batom, rímel, delineador, tinta de cabelo) como artifícios atrelados preconceituosamente à identidade de gênero feminina. Obviamente, por estar utilizando uma versão gratuita do aplicativo, os recursos são limitados, portanto, as opções de edição não são das mais variadas, mas é interessante notar como os costumes e paradigmas sociais criados em torno da performance de gênero estão afetando o resultado da geração dessas imagens.

Intitulado “Lugares em que eu poderia ter nascido”, edito tais imagens criadas por IA para sugerirem um planisfério ou mapa mundi espichado e distorcido, que não coloca os limites territoriais em tamanho real, mas sim, busca uma contar uma história, começando pela África, passando pela Europa, até chegar à América do Sul, aprofundando-se no Brasil, então no Estado do Rio Grande do Sul, até chegar à minha cidade-natal, Cachoeira do Sul, e por fim, termina em Santa Maria, cidade na qual resido atualmente e que tem servido como minha “casa” há pelo menos dois anos. Vale ressaltar que os mapas dos municípios não incluem apenas a zona urbana, mas também os limites rurais e distritos das cidades mencionadas.

Através do já mencionado site “*wordificator*”, então, utilizei palavras para preencherem o “formato” dos Continentes, País, Estado e Municípios presentes na montagem, dando sequência a meus trabalhos em *word art* pensando essas formas que foram dispostas de maneira a sobrepor os rostos como os locais por onde meus ancestrais passaram ao longo de milhares de anos, por milhares de gerações, de acordo com os resultados do meu exame de ancestralidade genética.

O título “Lugares em que eu poderia ter nascido” surgiu a partir de um questionamento que tive: E se meus ancestrais não tivessem se movido e/ou tivessem parado no meio do trajeto? Isso significa que eu poderia ter nascido em outro país, com leis e políticas públicas completamente diferentes, em países onde ser homossexual é considerado crime, onde o casamento homoafetivo não é permitido, entre outras possibilidades... Assim, fazendo uma breve pesquisa na internet, procurei de forma generalizada, artigos e reportagens de jornais e revistas que falassem sobre ser LGBTQ+ na África, na Europa, na América Latina, no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul, e busquei adicionar palavras de acordo com a minha própria percepção de como foi ter nascido em Cachoeira do Sul e estar vivendo em Santa Maria no momento.

Dentre as palavras no continente africano estão: crime; pena; 14 anos de pena; família tradicional; direitos; o que é normal?; leis; prisão. Já na Europa, posso destacar os seguintes termos e expressões: Rússia; doença mental; multa; perseguição; ocidente versus oriente; adoção; gravidez solidária. Na América do Sul, alguns dos vocábulos são: colonização; herança colonial; Guiana; cirurgia; SUS (Sistema Único de Saúde); violência. No Brasil, os termos em maior destaque são: 35 anos de idade; Va-



**Imagem 5.** “Lugares em que eu poderia ter nascido”, 2024

ladão; fascismo; lâmpada; polarização; avanços a passos lentos; bancada evangélica; transfobia. No Estado do Rio Grande do Sul temos os termos: direita; tradição; extrema direita; família tradicional; homossexual bolsonarista. Em Cachoeira do Sul: impossibilidades; segredo; piadinha; risos; às escondidas; sigilo; escárnio; família; escola. E por fim, em Santa Maria: casa; casamento; cuir; manifestação; sem mais medo; arte; luta contra o fascismo; universidade; pesquisa; docência.

Eu reconheço que na biologia existe sim uma determinação de sexo biológico, na qual os cientistas "dão nome aos bois", identificando corpos como "machos" e "fêmeas", contudo com o avanço dos estudos sobre gênero, encabeçado pelas ciências humanas, as ciências biológicas têm, em alguns aspectos, se transformado junto aos avanços sociais e culturais e desarticulando o discurso daqueles que utilizam o nome e a credibilidade da ciência para proferirem e propagarem preconceito e discriminação.

Ao passo em que a sociedade julga e condena as pessoas LGBTQIAPN+, cientistas de todo o mundo buscam uma explicação biológica para o fenômeno. Afinal, existe um gene gay? Uma codificação genética que defina a orientação sexual que uma pessoa desenvolverá ao longo da vida, e sobretudo, existe um papel evolutivo na existência da homossexualidade? Ou será que a atração sexual é uma questão meramente comportamental e, portanto, uma escolha dos indivíduos? O assunto ainda é bastante controverso, pois enquanto pessoas LGBTQIAPN+ afirmam terem nascido assim — e eu me incluo nisto —, no sentido de que nunca sentiram atração sexual diferente da que sentem, a ciência ainda não parece ter encontrado uma resposta convincente para a origem da homossexualidade, conforme Varella (2015).

Eu vou te perguntar uma coisa: Que diferença faz pra você, pra sua vida pessoal, se o seu vizinho dorme com outro homem? Se a sua vizinha é apaixonada pela colega de escritório? Que diferença faz pra você? Se faz diferença, procure um psiquiatra, você não tá legal! (Varella, 2014).

Dito isso, o papel do cientista biológico jamais será ditar o que é certo ou errado, mas visualizar, registrar e compreender os fenômenos que ocorrem na base de qualquer forma de vida, sendo que nunca haverá imparcialidade.

Mesmo os testes genéticos mais recentes, como os adquiridos por mim, ainda não são capazes de identificar a orientação sexual ou a identidade de gênero do indivíduo através do genoma, apenas questões relacionadas ao sexo biológico, como por exemplo, o desenvolvimento "correto" dos órgãos genitais e a intersexualidade (antigamente chamada de hermafroditismo). Torna-se então evidente que o papel social de um determinado sexo biológico se sentir atraído somente pelo sexo oposto é infundado biologicamente, bem como o fato de as manifestações sexuais que transgridam esta norma social serem tachadas como opção ou escolha. Ao mesmo tempo, a controvérsia se faz presente a partir do momento em que a ciência não encontra uma explicação que justifique a existência da homossexualidade como sendo natural e imposta pela genética, portanto, sendo imutável e uma questão que se sobrepõe a qualquer vontade do indivíduo de ser diferente.

Deste modo, quando trago dados biológicos em minha pesquisa, não é para afirmar como alguém deve se sentir ou deixar de, mas para tentar compreender a partir de uma perspectiva diferente a origem dos fenômenos aqui descritos, naquilo que me diz respeito: a minha sexualidade. E nesse sentido, parto em busca de elementos em



Imagem 6. Minhas Linhagens Paterna e Materna

meu próprio corpo que não só possam de alguma forma explicar a sexualidade, como também problematizar o pensamento científico enviesado e distorcido para atender aos interesses políticos dessa ou daquela classe social.

Através do anteriormente mencionado exame de ADN realizado em minha própria residência, por meio do laboratório de genômica pessoal Genera, foi possível identificar minha linhagem genética tanto pelo lado paterno quanto pelo lado materno (Imagem 6). De acordo com a plataforma através do qual o exame foi adquirido e realizado, a linhagem paterna só pode ser rastreada geneticamente em indivíduos que possuam o cromossomo Y, o que é uma verdade para mim, pois meu sexo biológico é o masculino. Já a linhagem materna é investigada através do ADN mitocondrial, pois ele é passado de mãe para filho, independentemente do sexo biológico da criança.

Como resultado do teste, constatou-se que 87% do meu ADN provém da Europa, sobretudo, da Península Ibérica (42%), o que não é novidade, já que o Brasil foi colonizado por portugueses. Além disso, outros 27% do meu código genético vêm da Itália. No entanto, vale destacar que enquanto minha linhagem materna tem origens majoritariamente europeias (e do oeste asiático), minha linhagem paterna tem origem africana.

De acordo com o exame, minha população genética pelo lado materno surgiu entre 18 e 26 mil anos atrás, possivelmente na Ásia Ocidental, sendo esta linhagem bastante comum na Europa. Sua entrada no continente europeu, segundo estimativas, ocorreu há aproximadamente 8 mil anos atrás. Já pelo lado paterno, o grupo genético no qual me encontro surgiu há 50 mil anos atrás, no leste da África, remontando à Pré-História. Segundo as informações prestadas pelo site da Genera, os portadores desta linhagem genética se disseminaram pelo continente africano durante o Paleolítico e o Mesolítico. No entanto, o site deixa claro que os padrões atuais de distribuição dessa linhagem só puderam ser identificados, com o surgimento dos primeiros grupos nômades pastores. Com base nestas informações, suponho que o encontro de minhas linhagens materna e paterna possa ter ocorrido devido à história da colonização do Brasil pelos Europeus, e pela escravidão, que surgiu ainda durante o período colonial aqui no país, fazendo uso de mão-de-obra forçada de africanos.

A questão é: essas linhagens que se perpetuaram no tempo por meio da reprodução biológica, trilhando a história dos *homo sapiens*, só o fizeram porque deixaram descendentes. E quando estas linhagens culminam em mim, que sou uma pessoa *queer*, com preferência por indivíduos do mesmo sexo biológico, para onde elas vão?

Elas morrem? Simplesmente deixam de existir? E eu, enquanto indivíduo que não terá filhos biológicos em um futuro tão próximo, como posso contribuir para a História e para a cultura da humanidade como um todo? É diante deste percalço que dou à luz ao Corpo-Livro, transformando a arte no meu legado.

## CONSIDERAÇÕES

Por meio desta pesquisa poética, que conjuga meus dados genéticos obtidos a partir de um exame de ADN à problematização da descendência biológica, sexo e gênero, chegou-se à cartografia de um corpo queer. Tal cartografia me leva à percepção de que sexo (biológico) e gênero são conceitos distintos, mas que se complementam, no sentido de que ambos são condicionados por fatores sociais, conforme a filósofa e autora feminista Judith Butler (2019). E que o gênero pode ser entendido como uma ferramenta, portanto uma tecnologia, de controle de corpos, concedendo ou negando a performance de determinados movimentos e gestos, comportamentos, uso de vestes, maquiagem, e do próprio ato sexual em relação a outros indivíduos, conforme Laurentis (1997).

Pude perceber que a imposição (disfarçada de incentivo) de uma reprodução biológica, seja por parte da família, seja por parte da igreja ou do Estado, tem a ver com a política de controle de corpos e a produção de trabalhadores e soldados para movimentarem a economia global e o sistema capitalista. A defesa de uma “família tradicional brasileira” e a preocupação excessiva da bancada evangélica com a sexualidade alheia faz parte de um dispositivo ou mecanismo de controle que exerce poder sobre os corpos alheios, mas não apenas isto: a mídia, a pornografia e a indústria farmacêutica também desempenham papel fundamental na construção das subjetividades, na construção do desejo sexual e nos marcadores identitários de gênero, por meio de um “tráfico semiótico-técnico”, conforme as ideias de Paul B. Preciado (2008).

Por meio da produção de poéticas visuais, dei à luz a um Corpo-Livro, como chamo aqui, intitulado “YAGora?”, com inúmeros “corpos-capítulos”, que são os trabalhos individuais, refletindo sobre papéis de gênero, padrões de beleza e me posicionando na luta contra o preconceito e a violência, e colocando os meus trabalhos e a minha arte como legado. Corazza (2006) afirma que a mente e o corpo formam uma coletividade de microelementos (sentidos, afetos, delírios, e assim por diante) que discordam, anseiam, erram e se enfrentam, gerando um micro-caos. Essas pulsões advindas do caos têm sua expressão direta por meio da arte. Então, ao final de tudo, pode-se dizer que foram as sensações que geraram o Corpo-Livro e que também geraram este trabalho escrito. Por meio da cartografia e da narrativa biográfica, a figura do artista-pesquisador tornou-se indissociável da pesquisa, e o Corpo-Livro, uma expressão genuína de atravessamentos diários que levam ao produzir.

Minha poética me levou à percepção de que o fim da criação no mundo não é deixar uma prole, mas produzir significado. Todo artista deixa um legado, embora muitas vezes invisível à primeira vista, trabalhando nos interstícios, encontrando meios de re(a)ver tempo e espaço e, por isso, é essencial os respiros que ele dá no seu registro histórico e contexto. Certamente que muitos artistas queer nem sequer se encontram em registro, isto é, não foram estimados e considerados pelo sistema das artes, e nesse sentido, reforço a importância de nos questionarmos quais artistas foram (e continuam sendo) registrados, e por que esses e não outros?

Por fim, cheguei ao entendimento de que a arte, com seu fator transgressor, pode ser configurada, tal como o sujeito queer e sua dissidência, como uma maneira de se opor aos padrões normativos e reivindicar o controle de nosso próprio corpo, tomando para nós o benefício de nos empoderarmos de comportamentos que correspondam ao nosso desejo e preferências sexuais, e identidade de gênero. Deste modo, a própria arte servindo como a materialização da construção de um pensamento crítico, de um corpo-conceitual, pode ser vista como um “descendente” do artista, uma contribuição do indivíduo para a sociedade tão relevante quanto a prole.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 21 mai. 2024.
- BUTLER, Judith. *Corpos que Importam: os limites discursivos do “sexo”*. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 400 p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 16. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens - Filosofia da diferença e educação*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. 120 p.
- FINK, Leonard. Kenneth '77 (31). s.d. Série de Fotografias. Disponível em: <<https://art-sandculture.google.com/story/igXxaQalJNoKlg?hl=en>>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- GENERA. *Genera - Ancestralidade, Saúde e Bem-Estar*, © 2024. Primeiro Laboratório brasileiro de genética a oferecer uma plataforma personalizada de testes de ancestralidade, saúde e bem-estar. Disponível em: <<https://www.genera.com.br>>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: an introduction*. New York: New York University Press, 1996. 153 p.
- KRUGER, Barbara. *Untitled (Your body is a battleground)*. 1989. Fotografia. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/barbara-kruger-atualiza-obra-icone-novamente/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- LAURENTIS, Teresa de. *Technologies of Gender: essays on theory, film, and fiction*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1997. 151 p.
- OMS. Organização Mundial de Saúde. *Relatório Mundial de Violência e Saúde*. Genebra: OMS, 2002.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Yonqui*. Editorial Espasa Calpe, S.A., 2008.
- RICHTER, I. Z.; OLIVEIRA, A. M. Cartografia como Metodologia: Uma Experiência de Pesquisa em Artes Visuais. *Paralelo 31*, v. 1, n. 8, 27 maio 2017.
- SPIZZIRRI, G. et al. Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2022/11/pesquisa-populacaolgbt-datafolha-unesp.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- VARELLA, Drauzio. *Homossexualidade | Coluna #04*. YouTube, 15 de setembro de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rqi-UTb9f9Y>>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- VARELLA, Drauzio. *Homossexualidade, DNA e a Ignorância*. 2015. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/homossexualidade-dna-e-a-ignorancia-artigo/>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

**RICARDO OLIVEIRA DE LIMA**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

*E-mail: ricardo.lima@acad.ufsm.br*

**ANDRÉIA MACHADO OLIVEIRA**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

*E-mail: andreia.oliveira@ufsm.br*